
Narrando conflitos, construindo uma guerra: a primeira guerra mundial no jornal *O Estado* (1915-1917)¹

Igor Lemos Moreira²

igormoreira@gmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina

Resumo: O presente trabalho, visa, através de teóricos da História dos Eventos e da História do Tempo Presente, discutir elementos que auxiliaram na construção da Primeira Guerra Mundial enquanto acontecimento pelo jornal *O Estado* em Santa Catarina entre os anos de 1915 e 1917. Discute-se principalmente as maneiras narrativas pelas quais o periódico catarinense buscou noticiar e representar o conflito enquanto acontecimentos separados, assim como os mecanismos de construção da guerra como um único acontecimento.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial; Acontecimento; História do Tempo Presente; Imprensa.

Abstract: This work through theoretical History of Events and History of the Present Time , to discuss elements that helped in the construction of the First World War as event by the newspaper The State of Santa Catarina between 1915 and 1917. It is mainly discussed the narrative ways in which the newspaper of Santa Catarina sought to report and represent the conflict as exiled events, as well as the mechanisms of construction a total event.

keywords: World War I; Event; History of Present Time; Press.

O objetivo principal deste trabalho é refletir acerca das narrativas sobre a Primeira Guerra Mundial no jornal *O Estado*, entre os anos de 1915 e 1917, em torno da problemática da construção de acontecimentos pelos veículos midiáticos. Fundado em 15 de maio de 1915, o jornal de circulação diária *O Estado*, foi idealizado e editado inicialmente por Henrique Rupp Junior, Ulysses Costa, Oscar Ramos e Joe Gollaço. De circulação inicialmente municipal, focada na cidade de Florianópolis, mas expandindo-se para todo o estado de Santa Catarina, o impresso possuía um perfil republicano e publicava temas tanto internacionais, como nacionais, estaduais e municipais, especialmente aqueles ligados às questões militares, o transporte marítimo e a economia. O período entre 1915 e 1917 se constituiu como o momento não apenas de lançamento do *O Estado*, mas também de atualizações e mudanças constantes, marcas dos

1 Este texto trata-se do segundo capítulo de meu Trabalho de Conclusão de Curso (2016), orientado pela professora Ana Luíza Mello Santhiago Andrade, cujo o objeto foi estudar, entre as notícias publicadas no jornal *O Estado* entre 1915 e 1917, como a Primeira Guerra Mundial foi construída enquanto acontecimento no período de ‘neutralidade’ do Brasil frente ao conflito (MOREIRA, 2016).

2 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Graduado em História pela mesma instituição. Bolsista CAPES-DS e integrante do Laboratório de Imagem e Som (LIS/UDESC).



impressos no período da primeira república³. Inicialmente o jornal, impresso em folhas 45cm x 63cm, contava com um total de 4 páginas, sendo que destas aproximadamente 1 e meia eram dedicadas à publicidades, divulgações e editais. Através do advento de novas técnicas e tecnologias que chegam ao Brasil nas primeiras décadas do século XX⁴, o período passa a alterar-se constantemente. Já em 1917, *O Estado* passa a ser publicado em 6 folhas (medindo 36cm x 54cm), aumenta o número de telegramas publicados e passa a utilizar-se de correspondentes internacionais mais constantemente.

Neste trabalho, parte-se de uma noção específica: fatos diferem de acontecimentos. Teóricos de diferentes campos, não apenas da história, mas, por exemplo, da comunicação social, do jornalismo, da teoria literária, debruçaram-se sobre essa contraposição. Em meu texto, parti das reflexões de Pierre Nora⁵, François Dosse⁶ e Muniz Sodré⁷. Enquanto fatos seriam ocorrências, o acontecimento demandaria um processo de construção e/ou de narração, surgindo a partir de rupturas que são constituídas por quem as narra. Assim, o que aconteceria seria compreendido como fato, porém nem todo fato seria um acontecimento. Pensando por tal perspectiva, concordando com Nora⁸, visualizo no século XX um momento de retomada dessas discussões, especialmente pela crescente aceleração da atuação da mídia desde o período até nossa atualidade, dada a ascensão de uma nova relação com o tempo advinda, entre outros fatores, da Revolução Industrial e da expansão dos veículos de comunicação⁹. Assim, nesse artigo proponho analisar e exemplificar, nas matérias do jornal *O Estado* referentes a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), como que esta foi construída enquanto acontecimento.

Minha principal perspectiva para a construção da guerra é que, não apenas o impacto do conflito em todo o globo foi um dos motivos, mas também a presença migrante e uma continuidade de um processo de aproximação com os modelos europeus, a citar aqui a *Belle Époque*, que permeava a Primeira República. É preciso pensar estas articulações com o

3 LUCA, Tania Regina de. A Grande Imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Sp: Contexto, 2008. p. 149 - 178

4 COHEN, Ilka Stern. Diversificação e Segmentação dos Impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Sp: Contexto, 2008. p. 103-130.

5 NORA, Pierre. O Retorno do Fato. In: GOFF, Jacques Le; NORA, Pierre (Org.). História: Novos Problemas. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1979. p. 179-192.

6 DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 4, n. 1, p.5-23, jan/jun 2012. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005/2014>>. Acesso em: 26 jan/jun 2016.

7 SODRÉ, Muniz. A Narração do Fato: Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

8 NORA, Op.cit. 1979.

9 KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo: estudos sobre a História. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RJ, 2014.



momento vivido uma vez que “o acontecimento também é configurado em função da perspectiva de expectativa em que ele acontece. Ele não sai do nada, mas de pré-conhecimentos, de um conjunto de padrões, de um sistema de referências”¹⁰. Nessa associação, o acontecimento ‘nasceria’ do seu produtor que lhe orienta no processo de seleção e de sistematização das informações.

Construir acontecimentos, ou escrever fatos configurando significados a um grande público, ou seja, tornando-os notícia, é visto num diálogo, não apenas da História do Tempo Presente, mas também no campo da História dos Eventos. Partindo da leitura de Dosse¹¹, por História do Tempo Presente refiro-me ao estudo de ecos do passado no presente, ou seja, adoto como objeto de estudo questões do passado que perpassem nossa sociedade atual. Deste modo, a História do Tempo Presente se insere entre a longa duração e a história recente, e entre suas principais preocupações estariam as investigações da contemporaneidade do não contemporâneo. Entre os objetos possíveis está a questão da mídia e da construção de acontecimentos, que, como já visto, tem suas relações intensificadas no século XX, em especial dados aos conflitos e aos movimentos de expansão dos modos de comunicação e de acesso a estes, como foi o caso da TV e do rádio.

Segundo Darnton¹², a História dos Eventos, ou história dos incidentes, estuda como são construídos acontecimentos e eventos sendo que estes derivam não apenas de um processo narrativo construído, mas também da ideia de ‘incidentes’¹³. Tal ideia partiria da visão de rompimento que Barbosa¹⁴ aborda ao refletir que os jornalistas trabalham com a imposição de padrões de normalidade em seu exercício diário. Darnton¹⁵, exemplifica esse processo com seu período de trabalho no *The New York Times*, onde era obrigado a procurar entre boletins policiais fatos que, para seus colegas de trabalho, não fossem ‘comuns’. A ‘normalidade’ é uma construção realizada pelos próprios produtores de notícias que acontece no decorrer do tempo e a partir de referenciais próprios relativos as vidas e trajetórias individuais/coletivas, os

10 DOSSE, Francois. Renascimento do Acontecimento. São Paulo, Sp: Unesp, 2013. p. 267.

11 DOSSE, 2012.

12 DARNTON, Robert. História, Eventos e Narrativa: incidentes e cultura do cotidiano. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p.290-304, jul. 2005.

13 Ou seja, algo que não estaria colocado como esperado ou normal e que romperia um padrão.

14 BARBOSA, Marialva. Jornalistas, senhores da memória?. In: XXVII Congresso da Intercom, 2004, Porto Alegre. CD Rom do XXVII Congresso da Intercom. Porto Alegre: PUC-RS e Intercom, 2004.

15 DARNTON, Robert. O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo, Sp: Companhia de Bolso, 2010.

chamados critérios de noticiabilidade, e não uma imposição de algo¹⁶, assim, pensar nos padrões de ‘normalidade’ ou na própria objetividade é nos depararmos com construções que ocorrem durante o próprio período em que as notícias são publicadas e os acontecimentos são criados.

Este artigo encontra-se dividido em duas partes principais: em um primeiro momento é realizada uma discussão sobre os modos utilizados pelo jornal *O Estado* entre 1915 e 1917, para noticiar a guerra, entre estes os telegramas e os comunicados. A segunda parte reflete acerca de alguns exemplos de construção de acontecimentos presentes nestes modos narrativos elencados anteriormente, para em seguida ser realizado um balanço sobre a construção da guerra enquanto um acontecimento geral.

Narrar a guerra

Antes de compreendermos a Primeira Guerra Mundial enquanto um acontecimento, consideramos ser necessário pensar em como ocorria a narração dos conflitos e enfrentamentos, para assim apontarmos quais as possibilidades de construção desse(s) acontecimento(s). Uma noção que auxilia a refletir essa questão é a compreensão de gêneros jornalísticos enquanto modos, ou gêneros, de escrita. Através dessa interpretação, para buscar compreender melhor os modos pelos quais a guerra foi narrada, observei nas edições do jornal *O Estado (1915-1917)* quais eram os meios mais comuns de narrativa. Foram esses: Os Telegramas, Os Comunicados, As Traduções, Os Relatos, As Notas, Informes, Fotografias (em pouquíssimo número) e alguns outros casos raros, como entrevistas e colunas específicas.

É notável, ao observar os modos pelos quais a guerra foi narrada que o conflito ocupa o cotidiano dos jornais aos poucos e assim a sociedade estaria também tendo a possibilidade de leitura e discussão dos fatos que passaram a se envolver em seu cotidiano. Essa compreensão fica ainda mais clara ao pensarmos com Michel de Certeau que “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”¹⁷. Pensar o cotidiano, seria estudar as práticas que ocorrem nos momentos ordinários, seriam os simples gestos e ações, que estão inseridas em uma lógica de

16 SCHUDSON, Michael. A norma da objetividade no jornalismo americano. In: SACRAMENTO, Igor; MATHEUS, Leticia Cantarela (Org.). História da Comunicação: Experiências e Perspectivas. Rio de Janeiro, Rj: Mauad X, 2014. p. 137 - 162.

17 CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano (Vol.2): morar, cozinhar. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996. p. 31.



práticas realizadas de maneira inconsciente. Como aponta Certeau, elas ocorrem no 'invisível'.

Em sua perspectiva,

Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural [...] se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de “táticas” articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano¹⁸.

Entre as táticas, compreendidas enquanto maneiras de contestação do poder dentro do campo de atuação dos detentores dele, citadas pelo autor, estariam atos como ler, cozinhar, conversar. Assim, as notícias, além de interferir no cotidiano, também apropriavam-se desse e registravam interesses que vinham tanto dos produtores/divulgadores das informações, como dos leitores, pois,

os meios de comunicação de massa são capazes de definir os temas que irão pautar a conversa pública cotidiana, concepção sintetizada na conhecida fórmula de que os meios não são capazes de determinar ‘o que’ as pessoas pensam, mas dizem ‘sobre o que’ elas devem pensar¹⁹.

Refletirei a partir de agora como funcionava ou como era possível se visualizar a guerra em alguns dos modos narrativos colocados.

Os telegramas²⁰, retomando brevemente, eram escritas breves, enviados de diferentes regiões e que exerciam a função de comunicação e informação rápida. Pensando em relação aos acontecimentos, nota-se uma construção mais fragmentada dos eventos, sem passar por um tratamento ou seleção de trechos específicos por parte dos editores, mas que desempenhavam um papel de atualização rápida e possibilitavam uma sensação de vivências do momento, ou seja, um acompanhamento quase que constante.

Londres, 12. - Apesar da reafirmação de Berlim, o governo inglês desmente oficialmente a perda do couraçado <<Caroline>> e mais dois navios.
Berlim, 12. - Os aviadores alemães continuam atacando Salonica²¹.

18 Ibid. p. 41.

19 LARA, Eliziane. Quem faz a agenda? In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (Org.). Para entender o jornalismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 29-40. p. 29.

20 Para saber mais consultar: MOREIRA, Igor Lemos. Reflexões acerca dos Telegramas na Imprensa Catarinense em tempos de conflitos mundiais (*O Estado*, 1915). Revista Anagrama (USP), v. 10, p. 1-13, 2016.

21 TELEGRAMAS, O ESTADO, 13 de Fevereiro de 1916. p.1



Sobre a diversidade de conteúdos abordados pelo serviço telegráfico, dois destes prevalecem. Primeiro, os que traziam informações de guerra e aspectos militares, não apenas narrando avanços dos exércitos e baixas militares, mas também mortes de civis e aquisição de armamentos. Em segundo, em menor escala, se verificam muitos telegramas voltados a reportar informações diplomáticas, como negociações de acordos, assim como de rompimentos. Verificando então uma preocupação em compreender o conflito em maior grau que apenas os países envolvidos apenas no embates armado diretamente.

Semelhante aos telegramas, e por vezes originados do mesmo modo, os Comunicados possuíam um caráter de informe oficial. Em sua maioria, eram enviados através de consulados, embaixadas, ou ligas espalhadas de países como Inglaterra, Alemanha, Austria e Itália, assim, a eles, era conferido um papel comunicativo que diferia dos telegramas, talvez causando uma sensação de maior segurança e importância.

Comunicado inglês

O vice-consulado britânico nesta capital recebeu a seguinte comunicação: Augmenta a actividade na frente britânica na França: d'entre as operações de maior importancia recentes salientam-se um ataque feito a uma secção de trincheiras inimigas em le Translou, realizado com absoluto successo; tendo sido atingido o objetivo dos nossos que tomaram 369 prisioneiros, a um custo total de 160 baixas da nossa parte. Alem d'isso realizaram se diversos outros raids, durante o dia, para léste de Neuville St. Waast, e Festubert, que terminaram com grande prejuízo para o inimigo, sem nenhuma perda eos nossos²².

Utilizar-se desses comunicados também poderia significar um meio de comunicação 'mais confiável', uma vez que nesse período era comum, segundo Garambone²³ a desconfiança frente as informações que chegaram relativas a guerra. Em uma análise narrativa do exemplo selecionado, também é possível identificar que estes comunicados poderiam ser construídos através da junção de uma série de telegramas, pois o modo narrativo é semelhante e seus conteúdos fragmentados, buscando se informar o máximo possível em palavras breves.

Por ser um conflito que ocorria em escala mundial, ou no plano internacional, fazia parte dos modos de narrar a guerra a utilização de textos de outras revistas e jornais pelo mundo que eram traduzidos para publicação no *O Estado*.

A entrada de Portugal na guerra Um artigo do "Times"

22 TELEGRAMAS, O ESTADO, 8 de Fevereiro de 1917. p. 2.

23 GARAMBONE, Sidney. Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira. Rio de Janeiro: Mauad X, 2003.



Muito se tem dito e escripto sobre a attitude de Portugal em face da grande guerra que devasta a Europa. Parece-nos interessante dar a conhecer aos leitores o texto de um artigo apparecia a esse respeito no <<times>>. Aqui vai a traducção:

<<De todas as nações que até agora se têm abtido de uma intervenção activa na guerra, nenhuma se manifestou tão ardorosamente ou tão espontaneamente em favor dos aliados como os nossos irmãos de armas, or portuguezes. Mal tinham começado as hostilidades, logo o governo portuguez affirmou a leal adhesão do seu paiz aos termos da aliança ingleza e a sua boa vontade de lhe dar effectivação logo que assim lhe fosse solicitado[...]²⁴.

As traduções além de nos possibilitarem acesso a discussões fora do país, também indicavam um adensamento nas redes de comunicação que constituíam o jornal no período. Poderíamos pensar que existia não apenas as influências de materiais, pessoas e leitores no plano nacional, mas uma rede intencional para além das trocas de telegramas. Ou seja, além de no circuito de comunicação se ter acesso a informações internacionais, era possível através de tais traduções ler e estar envolvido nas discussões e posicionamentos de outras mídias em locais diferentes.

É preciso lembrar ao falarmos em tradução que essa “sempre implica uma apropriação especial de textos”²⁵ e não sua publicação na íntegra e as explicações para isso são múltiplas, mas existe um processo de reconstrução da narrativa para que esta componha sentido aproximado ao que o autor do original em língua estrangeira pretendia transmitir. Traduzir sempre predispõe uma interpretação das palavras para melhor adequação ao leitor e também para a constituição de uma lógica narrativa mais detalhada, e que visava trazer ao Brasil textos originais diretamente dos países que as produziam.

Auxiliando narrar o cotidiano dos países em guerra, e ampliar a guerra para além de dados, os relatos eram também traduções de viagens ou enviados por moradores das cidades atingidas.

Londres e a guerra

O termo de uma viagem angustiosa - Como a Inglaterra defende dos submarinos a navegação nas suas costas - O novo aspecto de Londres - A mulher inglesa e a guerra - O bombardeamento de Londres pelos <<Zeppelins>>.

Agora, que o grande período passou e que meus nervos fatigados por uma excitação tão extenuante me consentem algum repouso, sei avaliar melhor os riscos que corri e posso dizer que para navegar nos mares da Inglaterra é hoje necessário dispôr do heroísmo dos marinheiros ingleses ou ter a cega confiante da Providencia, que em nós mulheres, substitui a coragem. Foi essa

24 A entrada de Portugal na guerra, O ESTADO, 18 de Março de 1916. p. 2.

25 CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. São Paulo, SP: Unesp, 2014. p.187.



confiança que me deu ano para arrasto com o perigo. Mas a experiencia assusta. Compreendo, nesta hora de reflexão que desafiei a morte E' quasi de repente que a grande situação dramática surge, em pleno mar. Dois dias antes da chegada a Liverpool, quando o navio deixo o golfo da Biscaia, e entra nas aguas inglesas, as machnicas diminuem a marcha, as hélices são quasi silenciosas [...]²⁶.

Os relatos também revelavam uma aproximação de escrita literária e pessoal, o que poderia causar sensações de 'vivência' ao conflito. Estes, possibilitavam ao leitor uma visão a partir de alguém que vivia o conflito, ou seja, tinha-se neles a conexão com o testemunho, colocando-se ali experiências vividas em relatos pessoais. No caso acima observa-se que o testemunho vem ligado também a ideia de trauma, de medo. Esse medo seria derivado do encontro com uma fragilidade da vida, um medo da morte, um conflito militar que colocavam pessoas comuns em risco.

Outra prática, que se populariza no momento, foi o fotojornalismo. Segundo Lohmann²⁷, os conflitos dos séculos XIX e XX influenciaram na expansão do gênero, mas este só realmente é mais aceito utilizado nos impressos quando a própria fotografia passa a ser interpretada como um meio de reprodução visual da realidade. Um registro visual do momento que informava em outras dimensões que o texto não conseguiam.

No Jornal *O Estado* o uso de fotografias para registrar a Grande Guerra foi realizado apenas duas vezes²⁸. No dia 16 de Maio de 1916, o jornal publicou 2 imagens relativas ao conflito. Registrando uma imagem de cuidados, a fotografia em questão, mostra o local de atendimento aos feridos. Ajudando a compor um quadro fora de cotidiano de conflitos armados, mostrando o dia a dia daqueles que não estavam nas trincheiras. Como aponta Barbosa²⁹, as fotografias enquanto veículo de comunicação, acompanham o processo de mudanças na imprensa Brasileira, e no auxílio de se construir uma memória visual do conflito para aqueles que não conviveram com os momentos tensos no continente vizinho.

A segunda imagem acompanha a mesma ideia da primeira, mas dessa vez registrando um outro espaço. Fotografar a cena de um açougue poderia significar, nesse caso, que existia

26 Londres e a guerra, O ESTADO, 13 de Novembro de 1916. p.1.

27 LOHMANN, Renata. A objetividade no fotojornalismo: um estudo de caso do jornal Zero Hora. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37638/000822299.pdf?sequence=1>> Acesso em: 1 de Fevereiro de 2015.

28 Essa conclusão foi chegada a partir das edições disponíveis para consulta na Biblioteca Pública de Santa Catarina, talvez possam ter existido outras publicações, porém até a escrita deste trabalho não tive o acesso a estas.

29 BARBOSA, Marialva. Revistas e Guerra: a 1a. Guerra Mundial nas revistas críticas ilustradas brasileiras. In: Jorge Pedro Souza. (Org.). Balas de Papel. A imprensa ilustrada e a Grande Guerra (1914-1918). Estudos sobre revistas de Portugal, Brasil e Espanha. 1ed.Lisboa: Media XXI, 2015, v. 1, p. 357-374.

um sentido nos acampamentos dos exércitos para além do preparo militar, onde inclusive existia um comércio interno. Assim, a imagem talvez pudesse transmitir ao leitor do jornal uma proximidade da guerra com a sua realidade uma vez que os conflitos poderiam ficar em uma ideia mais abstrata.

Os gêneros narrativos exemplificados, foram trazidos para tentar demonstrar alguns dos modos como a guerra estava colocada no jornal. Partindo dessas apresentações, início as reflexões sobre como, através destes meios, se construíram os acontecimentos.

Alguns exemplos de construções de acontecimentos

É sabido que a figura do Papa é uma presença destacável no cenário internacional. Sua participação e/ou opinião é esperada em diversos eventos. Desde conflitos até o casamento de membros da família real inglesa, é esperado que o papa se manifeste não apenas como uma figura representante de uma das maiores religiões monoteístas do mundo, mas também como um membro que não está filiado a nenhum país em específico.

No contexto da guerra, uma série de telegramas publicados no estado cobriam a participação do pontífice máximo, Bento XV, nas discussões e seus posicionamentos frente aos embates entre os países. Por conta de sua importância, mesmo que seu território não estivesse diretamente envolvido nos conflitos, cada ação que desempenhava era transformada de fato em acontecimento, ou seja, era conferido significado especial fora da normalidade e colocado como notícia. Em primeiro momento, esses pequenos acontecimentos envolviam seu ofício, demonstrando construções e preocupações com relação ao posicionamento da igreja católica com a guerra em ‘pequenos’ gestos,

O Papa, Rio 21.

S. Santidade o papa Bento XV aprovou a oração destinada aos soldados italianos³⁰.

Com o avançar da guerra, as notícias relativas a participações e opinião de Bento XV diminuem. Suas ações não são mais transformadas em acontecimentos, pois os conflitos aos poucos passam a ser construídos pelo jornal em movimentações e ações cotidianas, como já citado por relatos e telegramas de posições de tropas. Porém, em 1916, quando o conflito se

30 O Papa, O ESTADO, 22 de Maio de 1915. p. 02.



adensou, é publicado um texto onde vê-se o discurso do papa aos cardeais, durante reunião, pedindo pela paz.

A Abertura do Consistorio

Uma prelecção do papa em favor da paz

Telegrama de Roma, em data de 4 o seguinte:

Por ocasião da abertura do consistorio, o papa Benedicto XV proferiu uma allocução, ouvida em silencio pelos príncipes da Egreja, que de quando em vez faziam signaes de aprovação.

[...] << A observancia da lei - accrescentou sua santidade - faz prosperar as sociedades humanas, isoladamente, e a sociedade internacional, ao passo que o seu desprezo provoca perturbações publicas e privadas.

O immenso conflicto actual mostra a que excessos e desastres podem conduzir as violações e o desprezo das leis que regulam as relações entre os Estados.

Assistimos a uma série de horrores: o sequestro de coisas sagradas e dos próprios ministros do culto; o afastamento de cidadãos pacíficos dos seus lares, no meio das lagrimas de suas mães, esposas e filhos; cidades abertas, populações indefesas expostas a incursões *ilegível* e a horrores em nome, que compungem a alma >>.

Em seguida, o papa disse lamentar profundamente todos esses males, condemnando tão grandes iniquidades, qualquer que sejam os seus autores.

Terminou o pontifice proferindo uma oração, em que fez votos para que possa surgir, dentro em breve, a aurora radiosa da paz, porque anseia toda a humanidade, restituindo a harmonia e a prosperidade a todas as nações³¹.

O acontecimento em questão, a fala do Papa na reunião, é construído enquanto um momento de reflexão, mas também de pedido e de manifestação contraria da instituição que este representa ao conflito. Com um perfil que se diz ‘neutro’, o trecho acima nos permite visualizar uma construção de guerra de enfrentamentos, mas que impacta o dia a dia e causa traumas e separações de pessoas. Tal discurso permite então pensar o que venho até aqui tentando apontar: a guerra pelo jornal *O Estado* foi construída em um aspecto de totalidade, não apenas de tiros e armamentos.

Mas, partindo disso, como eram narrados os acontecimentos relativos aos enfrentamentos e ao aspecto militar? Afinal, este é o que deveria ser mais apontado na cobertura. Para exemplificarmos, trago como exemplo a questão dos submarinos na Primeira Guerra, um dos ‘destaques’ da guerra, sendo referenciados desde o início de circulação do impresso. Parte dos acontecimentos da guerra eram tratados em torno das questões militares. Para além do local para o qual cada tropa de movimento, notificar questões ligadas aos submarinos demandava muitas vezes anunciar a compra de novos armamentos, invasões,

31 A Abertura do Consistorio, O ESTADO, 13 de Dezembro de 1916. p. 2.



conflitos marítimos, entrevistas com militares, ou até aproximações na costa brasileira como acontecerá em 1917 gerando o naufrágio do navio Paraná.

Os submarinos na guerra

O submarino entra também em actividade desde de 1 de Agosto. O << U 15 >> foi abalroado e metido a piquis por um cruzador britânico, mas o atendendo mais audacioso ocorreu em Setembro 5 no Fifth of Eorth quando o << Parhfinder >>, um cruzador ligeiro afundou tão rapidamente que nunca dele se descobriu cousa que não fossem destroços. Tinha sido torpeado pelo << U 21 >> alemão³².

Pintando quadros de conflitos dentro dos oceanos, as notícias e os acontecimentos ligados a esse tipo de embarcação possuíam coluna própria, diferente de outros como os aviões. Tendo observado isso, vemos nos jornais um interesse pela questão marítima, talvez por influência de algum de seus editores, o que possibilita a composição de acontecimentos ricos e que criavam imagens como as exemplificadas. Durante o período analisado, foram aproximadamente dez textos mencionando os aos submarinos e que construía um conflito em águas internacionais rompendo também com uma visão de ‘guerra das trincheiras’ como seria denominada posteriormente³³. Outros exemplos foram notícias contabilizando os submarinos na Alemanha, por exemplo, ou algum texto focado em um ponto em específico.

Um último exemplo que gostaria de trazer são os debates em torno da entrada de países do continente americano na guerra. Como aponta Olivier Compagnon³⁴, desde o início do conflito, a América Latina parecia respirar a cada jogada diplomática de seus líderes. Existia um ar de espera por rompimentos de paz, e uma preocupação econômica muito grande já que muitos países como Brasil e Argentina tinham acordos econômicos com nações em guerra, a exemplo da Alemanha. Assim surgia na imprensa cada vez mais um interesse pela posição da Argentina, do Brasil e do Chile, ou, o pacto A. B. C.³⁵.

32 Os submarinos na guerra, O ESTADO, 2 de Fevereiro de 1916. p. 2.

33 COMPAGNON, Olivier. O Adeus à Europa: A América Latina e a Grande Guerra. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2014.

34 Ibid.

35 Firmado em 1915, “determinou que controvérsias surgidas e que não pudessem ser resolvidas diplomaticamente ou através do arbitramento, teriam que ser submetidas à investigação de uma comissão permanente, que se constituiria na cidade de Montevidéu, antes da tomada de qualquer medida de hostilidade. Também não demonstrou preocupação com possíveis insurreições que pudessem acontecer em um dos países signatários ou nos países vizinhos.” HEINSFELD, Adelar. AS RELAÇÕES BRASIL-CHILE: o pacto ABC de 1915. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2009, Fortaleza. Anais do XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Fortaleza: Anpuh, 2009. p. 8.

De maneira discreta, a sigla foi usada apenas duas vezes nas fontes analisadas, no dia 3 de Junho de 1915 e outra no 12 de Junho de 1915. No segundo dia em questão tratava-se de um telegrama enviado de Borges de Medeiros³⁶ para Lauro Muller e depois da resposta do segundo para o primeiro.

Ao presidente Rio Grande, que é ao mesmo tempo o representante autorizado da geração que pregou a república como o regime da fraternidade, envio muito sensibilizado os meus profundos agradecimentos pelo seu telegrama de aplausos pela assinatura do tratado entre Brasil, Argentina, Chile. Com as mais gratas recordações do Rio Grande e da sua carinhosa hospitalidade, envio ao pesado amigo e á sua digna família os meus mais cordeas e respeitosos cumprimentos³⁷.

O tratado em questão visava a não agressão e a cooperação entre os 3 países em questão. Como podemos ver, era esperado notícias sobre os países vizinhos também frente a guerra e, mesmo não sob o termo 'ABC', o *O Estado* apresentou um grande interesse pela Argentina, narrando sobre esse acontecimentos que apontavam para uma preocupação com a nação que, segundo Compagnon³⁸ era um grande alvo de suspeita de ser germanofolia³⁹. Ações como treinamentos militares e peças de teatro argentinas que buscavam mostrar uma “entende cordial” eram noticiadas e registravam momentos de suspeitas sobre os vizinhos de fronteira. Isso fica evidente com um texto publicado em 20 de julho de 1916, com o título “O que a Alemanha tem lucrado com a guerra”. Neste texto são levantados dados buscando apontar, segunda a Inglaterra, o lucro dos países americanos com a guerra, uma vez que, muitos países europeus estavam precisando importar produtos do continente americano.

A guerra enquanto acontecimento

Um acontecimento, como viemos até o momento buscando definir, é um processo de construção narrativa. Como aponta Marialva Barbosa⁴⁰, esse processo se inicia com a separação dos fatos cotidianos através da imposição de padrões de normalidade. No processo de escrita e

36 Borges de Medeiros foi um dos principais líderes políticos do Rio Grande do Sul durante a Primeira República.

37 TELEGRAMAS, O ESTADO, 12 de Junho de 1915.

38 COMPAGNON, 2014.

39 Germanofilia é empregado no período, e neste trabalho, para caracterizar um sentimento de apoio ou simpatia pela Alemanha neste período (COMPAGNON, 2014).

40 BARBOSA, 2004.



construção de notícias, o jornalista ou escritor, cria uma barreira de normalidade, ditando o que seria corriqueiro e o que passa a ser fora do 'comum'. E é esse ponto que se tornaria um acontecimento: “essa construção é seletiva. Seleciona-se parte da realidade, partindo-se do pressuposto do que os leitores gostariam de saber e do que as instituições querem fazer saber”⁴¹.

Essa barreira, ou padrões, está ligado o que Nelson Traquina define como valor-notícias ou noticiabilidade,

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícias que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo 'valor notícia'⁴².

Assim, para criar-se uma notícia, que se tornaria um acontecimento é preciso um processo de seleção que esta vinculado há algumas influências: o escritor (e sua opinião), o público e o editor (abordagem do impresso). O século XX é fundamental para pensarmos esse processo de narração dos eventos e a partir dele a atribuição de acontecimento. Pierre Nora⁴³ aponta que neste período existe uma retomada do conceito, um 'retorno do fato' como coloca, mas atenta que não é tudo que ocorre que torna-se acontecimento, para que assuma tal categoria é preciso que este seja inscrito, especialmente através de meios de comunicação, e a mídia ocupa este local até o presente. Visto isso, conecta-se a escrita ou narrativa sobre os acontecimentos a ideia de expressão e, conseqüentemente, a de representação, pois “a realidade propõe, o imaginário dispõe”⁴⁴.

Nesse quadro, a função do *mass media*, como denomina o autor, seria fundamental, pois esta estaria exercendo um papel constante de atualização dos eventos para os seus diversos públicos e através de seus modos narrativos, pois “o acontecimento tornou-se igualmente o lugar de investimento do imaginário de nossa sociedade moderna, apropriado à narrativa”⁴⁵. A narrativa jornalística nesse quadro tornou-se fundamental assim como a presença dos jornalistas na sociedade. São os *mass media* nesse contexto que irão divulgar os acontecimentos, mas serão

41 BARBOSA, 2004. p. 04.

42 TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2004.p. 83.

43 NORA, 1979.

44 Ibid. p. 184.

45 DOSSE, 2013. p. 262.

estes também que as criaram definindo o que seria e o que não seria noticiado a partir de valores e pressupostos sobre interesses que os mesmos impõe.

Penso, que no campo da história, essas relações de valores e de noticiabilidade podem ser associados e discutidos unidos a dois outros conceitos: ‘Espaço de Experiência’ e ‘Horizonte de Expectativa’. As categorias de Experiência e de Expectativa são meta-históricas. E enquanto a primeira seria “o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”⁴⁶, ou seja, o presente no qual tem-se incorporado os acontecimentos e suas lembrança, na segunda temos o futuro presente voltado para o ainda não, “é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto”⁴⁷. Inserido em um jogo de temporalidades, e no trabalho de regimes de historicidade⁴⁸ o jornalista, ou produtor da notícia, mobiliza referências, experiências prévias que possui, ou seja, mobiliza passados que dizem respeito diretamente ou indiretamente a este, para selecionar os fatos para que passem pelo processo de construção narrativa projetando um futuro a curto prazo, a difusão informação, e em alguns casos a longo prazo, guardar para posteridade. É preciso deixar evidente que esse é um processo seletivo e que interfere não apenas no que esta sendo publicado, mas o como isso será visto e posteriormente lembrado. O jornal assim esta inserido em um constante jogo de temporalidades entre passados, presentes e futuros.

De acordo com a perspectiva de Paul Ricoeur, o processo de escrita acompanha um jogo de temporalidades, pois “narramos as coisas que consideramos verdadeiras e predizemos acontecimentos que ocorrem tal como os havíamos antecipados”⁴⁹, e estes estão especialmente ligados ao presente, que nos permite criar relações passado/presente (no caso de buscar-se narrar fatos de um passado, em grande parte recente, para o presente). Presente/presente (construção de narrativas e ponto de partida do interesse do jornalista, assim dos leitores e demais envolvidos do circuito comunicacional). E presente/futuro (podendo esse ser seu futuro próximo (pensando, a circulação, por exemplo) ou de longo (como na ideia de se escrever para que tais fontes não se “percam” ou para se perpetrar uma imagem daquela figura), segundo o

46 KOSELLECK, Reinhardt. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 309.

47 Ibid. p. 310.

48 Regimes de Historicidade são compreendidos aqui como as relações que os indivíduos desenvolvem com as temporalidades, envolvendo as dimensões de passado/presente/futuro (HARTOG, 2014).

49 RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* (Tomo I). Campinas, SP: Papyrus, 1994. p. 26.



autor “a previsão é explicada de um modo um pouco mais complexo: é graças a uma espera presente que as coisas futuras estão presentes a nós como porvir”⁵⁰.

Uma abordagem possível para a discussão da Primeira Guerra Mundial no jornal *O Estado* é pensar que a guerra foi noticiada por tratar-se de conflito internacional e que atingiu(iria), no decorrer do tempo o Brasil em dimensões diversas, como a política e a econômica. Contudo, ao lermos as notícias visualizamos uma guerra que reflete os fatos da guerra, para além dos militares, e também se insere no cotidiano de Florianópolis, assim como no Brasil. Ao trazer por exemplo relatos de viagens de pessoas tem-se um acontecimento mais referente a cotidianos da população ‘comum’:

Os dois jovens medicos, immediatamente contratados, partiram a 25 de Abril ultimo, para Nich. Ahi, foi-lhes confiada a direcção dos hospitaes militares de uma linha estrategica. Passaram oito meses em plena campanha, lutando, como melhor podiam, com os meios defeituosos, postos á sua disposição, contra o typho que fez innumeradas victimas, antes de ser circumscripto. Em outubro, sobreveiu a declaração de guerra da Bulgaria, seguida da fulminante ofensiva dos imperios centraes. Foi dada a ordem a todas a ambulencias servias de recuarem para o interior⁵¹.

Aliado às narrativas específicas, a guerra interfere em discussões, movimentações e colunas que não estariam necessariamente ligadas ao conflito. Como é o caso da coluna de moda ‘Crivos e Pontilhos’. Esta relacionou a guerra ao vestuário e de que modo a primeira estava interferindo no segundo.

Era natural que com a conflagração européia a côr da moda viesse a ser o preto. Paris lança a moda feminina e Paris está de luto, Londres pontifica sobre a maneira de vestir dos <<gentleman>> e Londres está de luto. A Influência dos uniforme de pano <<kaki>> dos exércitos de S. M. Britannica animou, no inicio da guerra, alguns alfaiates das margens do Tamisa a tentarem <<vestons>> masculinos da mesma cor; imediatamente os costureiros [trecho ilegível], em homenagem aos aliados da França imaginaram a <<iupe-cossaque>> e acusaram do variegado tecido escossez⁵².

É interessante constatar que a guerra preencheu a maioria dos textos publicados nessa coluna entre 1915 e 1917, sendo que a mesma teve regularidade apenas nos primeiros momentos de circulação do *O Estado*. Por conta dos modos diversos de narração, poderia se pensar que a guerra fora construída da maneira fragmentada em pequenos acontecimentos. Isso

50 RICOUER, 1994. p. 27.

51 A Agonia da Servia, O ESTADO, 19 de Fevereiro de 1916.

52 Crivos e Pontilhos, O ESTADO, 16 de Maio de 1915. p. 2.



é inegável, ela foi narrada em pequenas e grande notas espalhadas em gêneros diferentes. Porém, em um acompanhamento constante, o leitor poderia visualizar um único acontecimento durante o decorrer de aproximadamente 4 anos que o jornal unia sob o título de ‘A Guerra’ ou “Grande Guerra”, através de recursos narrativos como chamadas constantes, como citado, ou por suas próprias capacidades interpretativas.

Porém, eis que surge uma pergunta: Se estamos trabalhando com o processo de seleção de eventos e de construção de acontecimentos como aqueles definidos como fora do comum⁵³, seria apenas por suas dimensões, que de início não tinham tanta projeção, de escala internacional o motivo da cobertura? Fazia parte do projeto republicano uma projeção da Europa como modelo de inspiração para condutas, aspectos das cidades, higienizações, no plano político, entre outros. Enfim, a Europa era vista como um modelo que se pretendia alcançar no Brasil, em especial a França⁵⁴. Esse foi profundamente abalado com esses conflitos. A guerra, como aponta Capelato⁵⁵, provocou uma crise não apenas deste pensamento que se espalhava por diversos países latino-americanos, mas também um rompimento desse provocando movimentos de cunho nacionalistas nestas regiões. Tendo em vista isso, pensamos que essa projeção é um dos fatores que leva a um interesse crescente por informar e acompanhar a guerra. Além disso, o Brasil viveu um constante fluxo migratório que visava a substituição da escravidão⁵⁶ que possivelmente fazia com que muitas destas pessoas, interessadas em saber informações dos países de sua origem ou de seus antepassados⁵⁷.

Outro elemento é a própria curiosidade pelo assunto, e um interesse dos jornais brasileiros de dar destaque aos conflitos. Em Santa Catarina o impacto da guerra ainda é discutido pela própria questão de que no *O Estado*, possivelmente por seu perfil republicano e enterrado por questões militares, a conflagração ocupa mais espaços que o conflito do contexto, mesmo que esse se encerre já em 1916, ainda existia o calor dos conflitos, mas neste impresso se foca mais no conflito europeu. O perfil que comentamos inicialmente, de ser um

53 BARBOSA, 2004.

54 SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, SP: Companhia das Letras 2003.

55 CAPELATO, Maria Helena R. *Modernismo Latino-Americano e Construção de Identidades Através da Pintura*. *Revista de História*. 153 (2 - 2005), p. 251-282.

56 SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa M. *Brasil: Uma Biografia*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015.

57 Ainda estão por ser realizados estudos que busque analisar como essas populações responderam a tais eventos no Estado. Stefan Bonow (2011) realizou algo semelhante na região do Rio Grande do Sul registrando acontecimentos como conflitos e enfrentamentos populacionais. Alguns jornais, como *A Folha do Commercio* trazem alguns apontamentos como o caso de manifestações contra a bandeira nacional, como referenciado por Falcão (2000).

acontecimento apontado muitas vezes como militar e político está, esta relacionado também à própria condução do conflito. Uma das principais características da Primeira Guerra Mundial, como destaca Márcia Motta⁵⁸, foi o período de movimentos da guerra, que posteriormente veio a se tornar um conflito voltado para as trincheiras. Essa atualização fragmentada e o grande número de dados sobre atuações militares buscava não apenas dar conta de parte desse processo em diferentes regiões, mas também uma atualização rápida de informações que chegavam com maior facilidade.

Sidney Garambone, foi um dos historiadores percursoros no estudo sobre a temática da Primeira Guerra nos jornais do país. Contudo, em seu texto, chama-se a atenção para uma de suas teses: a imprensa em nível nacional buscou se manter neutra o máximo possível dos casos, até ao menos a entrada do país na guerra.

o abandono da neutralidade, aliás, foi acontecendo de forma paralela ao tom do noticiário dos jornais. A isenção inicial, o cuidado em balancear os fatos, a quantidade de notícias bem equilibradas tanto do lado aliado quanto do lado das Potências Centrais duraram até o início de 1917⁵⁹.

Contudo, essa “neutralidade” colocada pelo historiador precisa ser relativizada. Diferente de outros jornais, como *O Aliado*⁶⁰, o *O Estado* não possui um caráter tão opinativo sobre a guerra, mas isso não significa que o mesmo e os demais estivessem ‘neutros’, tanto antes como após a entrada do país no cenário. É preciso se ter em mente que esse é um período de mudanças no próprio processo de escrita jornalística, com o início de uma busca pela objetividade. Porém, o termo ‘objetividade’ não é sinônimo de ‘neutralidade’. Marca do jornalismo americano, e que reflete o processo de aproximação a esse modelo no Brasil, “a objetividade é, ao mesmo tempo, um ideal moral, um conjunto de práticas de reportagem e de edição, e um padrão de redação noticiosa a ser seguido”⁶¹. Contudo, ser objetivo não é sinônimo de neutralidade. Como os estudos recentes sobre o campo vem apontando, um texto breve não esta relacionado a ser neutro uma vez que o processo de escrita jornalística se desenvolve, desde

58 MOTTA, Márcia Maria Menendes. A Primeira Grande Guerra. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge Luiz; ZENHA, Celeste. O século XX: o tempo das certezas. RJ: Civilização Brasileira, 2005, p. 165-194.

59 GARAMBONE, 2003, p. 105.

60 Lançado em 1915, o periódico *O Aliado*, foi editado no Brasil pela Liga Brasileira Pelos Aliados, e possuía entre seus principais objetivos ser um espaço de divulgação de informações da Primeira Guerra Mundial e de propaganda da Tríplice Aliança no conflito.

61 SCHUDSON, 2014, p. 137.

seus primeiros momentos, a partir de seleções o que por si só não são neutras, tal qual já discutimos⁶².

Ao selecionar o que seria ou não publicado, quais telegramas seriam incluídos, quais matérias traduzidas ve-se uma não neutralidade, mas uma busca de objetividade. Não entrarei aqui em discussões sobre qual seria o ‘lado’ apoiado pelo impresso, uma vez que as notícias não são em sua maioria opinativas, porém observam-se tendências pró-aliados. Essas tendências estão na seleção de quais países e de modos como são apresentados. Existiu um interesse muito maior por, por exemplo, informar sobre os aspectos militares de países que não os da Triplice Entente.

Referências

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, senhores da memória?. In: *XXVII Congresso da Intercom*, 2004, Porto Alegre. CD Rom do XXVII Congresso da Intercom. Porto Alegre: PUC-RS e Intercom, 2004.

_____. Revistas e Guerra: a 1a. Guerra Mundial nas revistas críticas ilustradas brasileiras. In: Jorge Pedro Souza. (Org.). *Balas de Papel. A imprensa ilustrada e a Grande Guerra (1914-1918)*. Estudos sobre revistas de Portugal, Brasil e Espanha. 1ed.Lisboa: Media XXI, 2015, v. 1, p. 357-374.

CAPELATO, Maria Helena R. Modernismo Latino-Americano e Construção de Identidades Através da Pintura. *Revista de História*. 153 (2 - 2005), p. 251-282.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano (Vol.2): morar, cozinhar*. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo, SP: Unesp, 2014.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e Segmentação dos Impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Sp: Contexto, 2008. p. 103-130.

COMPAGNON, Olivier. *O Adeus à Europa: A América Latina e a Grande Guerra*. Rio de Janeiro, Rj: Rocco, 2014.

DARNTON, Robert. *História, Eventos e Narrativa: incidentes e cultura do cotidiano*. Varia Historia, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p.290-304, jul. 2005.

_____. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo, Sp: Companhia de Bolso, 2010.

62 BARBOSA, 2004.



DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p.5-23, jan/jun 2012. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005/2014>>. Acesso em: 26 jan/jun 2016.

DOSSE, François. *Renascimento do Acontecimento*. São Paulo, Sp: Unesp, 2013.

GARAMBONE, Sidney. *Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2003.

HEINSFELD, Adelar. AS RELAÇÕES BRASIL-CHILE: o pacto ABC de 1915. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2009, Fortaleza. *Anais do XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*. Fortaleza: Anpuh, 2009. p. 1 - 10. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1436.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre a História*. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RJ, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LARA, Eliziane. Quem faz a agenda? In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (Org.). *Para entender o jornalismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 29-40.

LOHMANN, Renata. *A objetividade no fotojornalismo: um estudo de caso do jornal Zero Hora*. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37638/000822299.pdf?sequence=1>> Acesso em: 1 de Fevereiro de 2015.

LUCA, Tania Regina de. A Grande Imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Sp: Contexto, 2008. p. 149 - 178

MOTTA, Márcia Maria Menendes. A Primeira Grande Guerra. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge Luiz; ZENHA, Celeste. *O século XX: o tempo das certezas*. RJ: Civilização Brasileira, 2005, p. 165-194.

MOREIRA, Igor Lemos. *Narrativas de Guerra: Imprensa, acontecimento e escrita no jornal "O Estado" durante a Primeira República*. 2016. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MOREIRA, Igor Lemos. *Reflexões acerca dos Telegramas na Imprensa Catarinense em tempos de conflitos mundiais (O Estado, 1915)*. Revista Anagrama (USP), v. 10, p. 1-13, 2016.

NORA, Pierre. O Retorno do Fato. In: GOFF, Jacques Le; NORA, Pierre (Org.). *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro-RJ: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1979. p. 179-192.

O ESTADO. 13 de Maio de 1914 - 12 de Abril de 1917.



RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa (Tomo I)*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

ROUSSO, Henry. A história do Tempo Presente, vinte anos depois. In: PORTO JR., Gilberto (Org.) *História do Tempo Presente*. Bauru: EDUSC, 2007, p. 277 - 296.

SCHUDSON, Michael. A norma da objetividade no jornalismo americano. In: SACRAMENTO, Igor; MATHEUS, Leticia Cantarela (Org.). *História da Comunicação: Experiências e Perspectivas*. Rio de Janeiro, Rj: Mauad X, 2014. p. 137 - 162.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, SP: Companhia das Letras 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa M. *Brasil: Uma Biografia*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015.

SODRÉ, Muniz. *A Narração do Fato: Notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2004.

Recebido em 15 de maio de 2016.

Aceito para publicação em 21 de agosto de 2017.

